

Professor aprova o ex-aluno Malan

Economista norte-americano, Albert Fishlow, insiste apenas na troca da âncora cambial pela fiscal

O economista norte-americano Albert Fishlow, da Universidade de Berkeley, conheceu Malan há 30 anos, quando veio pela primeira vez ao País fazer um diagnóstico da economia brasileira. Ele deu "nota dez" ao ministro da Fazenda e disse que suas propostas não divergem do caminho trilhado pela equipe econômica. "A política que o governo está seguindo no curto prazo já está dando certo", ponderou. "Creio que a decisão do presidente Fernando Henrique Cardoso se candidatar pela segunda vez é um indicativo da necessidade de que uma mudança leva anos", afirmou.

Para ele, Fernando Henrique compreendeu que a reestruturação da economia "é um processo" e que não adianta tentar perseguir medidas de efeito imediato. "O presidente aprendeu que leva tempo. E assim mudou de idéia de tentar fazer tudo em quatro anos", acrescentou.

Ao analisar a política econômica admitiu que existe uma apreciação do câmbio brasileiro entre 15% e 20%, ou

seja, percentual correspondente à valorização do real em relação ao dólar. "Quando se fala do grau de apreciação do Real, o Rudiger Dornbush chegou a dizer que a taxa estaria em 50%. Mas na verdade, se fala em algo entre 15% e 20%", disse o economista, que já teve como alunos vários integrantes da equipe econômica, como o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Gustavo Franco.

Desvalorização - Sentado ao lado de Pedro Malan, Albert Fishlow disse que o Plano brasileiro está no caminho certo. "Não quero dizer com isso que o Real está funcionando de maneira magnífica, mas estamos no Brasil, pela primeira vez, apresentando um crescimento contínuo", disse, apontando o déficit externo da ordem de 4,5% a 5% do PIB e o aumento das importações como dois dos principais problemas econômicos brasileiros. Fishlow, no entanto, descartou a necessidade de se promover uma desvalorização mais forte do câmbio. "Isso não vai ajudar o país", afirma. Para ele, o crescimento da produtivida-

de e da competitividade do setor produtivo, é a solução para a defasagem do câmbio. Para ele, o aumento de competitividade promoveria mudança indireta na taxa real de câmbio, além de viabilizar aumento das exportações e, portanto, uma melhoria no déficit comercial. Conforme sua análise, após três anos consecutivos de crescimento da produtividade, essa defasagem cambial desapareceria.

Segundo ele, uma desvalorização brusca beneficiaria o setor exportador no curto prazo, mas não promoveria um crescimento sustentado. "O Brasil não precisa de um milagre no curto prazo, mas de um milagre continuado", afirma. Fishlow considera que a atual taxa de crescimento das exportações brasileiras está aquém de suas possibilidades, podendo chegar a uma taxa anual de 9% ao ano. Para Fishlow, a âncora cambial tem hoje significado político, servindo principalmente para sinalizar aos mercados interno e externo com a continuidade da política de estabilização econômica traçada a partir da implementação do Plano Real.



Professor Fishlow acompanhou atentamente a exposição sobre a economia brasileira feita pelo ex-aluno Malan